

A ILHA

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Florianópolis(SC) - Setembro/2017 - N.142- Edições A ILHA - Ano 37

A VOLTA DE CRUZ E SOUSA A SANTA CATARINA

Ainda nesta edição:

- **Um poema e mil poesias**
- **Grupo Literário A ILHA: 37 anos**
- **A poesia em Pessoa**
- **A Borboleta Azul**
- **A arte de esquecer livros**
- **Encontro de Escritores em Florianópolis**
- **E muita prosa, poesia e informação cultural**



Portal A ILHA: [Http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br](http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br)

DOMINGO

Selma Franzoi
Jaraguá do Sul, SC

*Adormeço com lágrimas de paixão e
saúde
Desperto contigo em meu coração
Encontro tua imagem a cada momen-
to
No cantar dos pássaros, em cada flor,
em cada canção, em cada oração...
Hoje é domingo...
Lembro outros fins de semana
Viagem ao som de belas canções, ale-
gria e ansiedade
Rever minha família, minha terra,
nossa casa
Reencontro com meus pais,
Abrços de inesquecível felicidade...
Hoje é domingo...
Um dia revestido de tristeza e luto
intenso
Tropeço a cada instante
Nos degraus da tristeza, da infelici-
dade
Quisera não fosse verdade, apenas
ilusão
Mas é como uma chuva de pedras
pontigudas
sangrando meu coração...
Hoje é domingo
A noite chega tristonha em nossa casa
Traz lembranças, saudade, separação
Minha mãe olha para o céu
Como buscando consolo,
E diz que vê uma estrela
Que sempre brilha em nossa direção...
Lembranças, saudade, separação.*

TRÍADE DE DEUS

Rita Marília -Florianópolis,SC

DESISTÊNCIA DE DEUS

*Deus desistiu de ser perfeito
Inventou o homem
Não conseguiu
Deu-lhe pensar
Conseguiu.*

ESPERANÇA DE DEUS

*Deus cansou de esperar
Inventou a ex-pecança
A beleza
A incerteza
Misturou tudo num caldeirão
"Que confusão"
Deu ao homem de presente,
Que jogou bem longe
No futuro escuro.*

DESEJO DE DEUS

*Deus enjoou de inventar
Inventou desejo
Colocou no sapo
Nem pulou
Colocou na pedra
Nem se mexeu
Colocou na árvore
Nem se importou
Colocou no homem
Que suspi-
rou
Desejou
ser deus
Inventou
Desinven-
tou
Enjoou
Matou
Deus.*



A ILHA

SUPLEMENTO LITERÁRIO

EDITORIAL

PRA FESTEJAR A LEITURA

Está de volta a revista literária catarina, brasileira, universal, agora com trinta e sete anos de circulação, completados no último mês de julho de 2017. Com mais conteúdo, com novos escritores esbanjando talento.

Comemoramos o trigésimo sétimo aniversário do Grupo Literário A ILHA e do Suplemento Literário A ILHA com a participação, em julho, no Encontro de Escritores que as Livrarias Catarinenses promovem todo mês, em Florianópolis, com a mediação da escritora Inês Carmelita Lohn. E com o publicação de uma edição especial desta revista, lançada também no mês de julho, com os poetas da Confraria do Pessoas, num sarau poético com caldo verde, muito concorrido. Foi a primeira publicação do grupo e é o ensaio para a antologia que vem por aí. Poetas transbordando inspiração, começando a mostrar o seu talento com outros que já estão na estrada há algum tempo.

Nesta edição, texto do saudoso Lauro Junkes, sobre o nosso grande Cruz e Sousa, quando da chegada dos seus restos mortais a Santa Catarina.

E, para terminar, o Grupo Literário A ILHA adverte: ler faz bem à alma, ao coração, à saúde, portanto. Leia e incentive o hábito da leitura. Empreste livros. Doe livros. Dê livros de presente.

O Editor

Visite o Portal
PROSA, POESIA & CIA.

do Grupo Literário **A ILHA**, na Internet,
[Http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br](http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br)

INTRÓITO

Júlio de Queiroz - Céu dos Poetas



*Eis que chegamos, os filhos deste século,
Para juntarmo-nos aos nascidos nos outros.
De tudo que dos passados recebemos
guardamos o fel do ódio, a brutalidade aprendida
e a pretensão – sobretudo a pretensão –
de sermos superiores uns aos outros.
Olhai, gentes do passado,
o brilho das matanças no meu século!
Olhai, inascidos herdeiros do futuro,
a conquista incomparável da traição desculpada!
Transformamos cada vitória do intelecto
em derrotas do humano:
lavamos o planeta com sangue gêmeo;
sujamos seus rios com fabricadas ninharias egoístas;
empestamos os céus que, mansos, nos cobriam
e até de sua encharcada bênção
acidamos os frutos.
Eis que chegamos, os filhos deste século.
Agora que deixamos o palco para os vindouros,
Nossa doação lhes é suja e estéril.
Eis que chegamos.
Teria sido melhor não termos vindo?*

UM POEMA E MIL POESIAS

Celestino Sachet - Florianópolis,SC

Massaud Moisés, na obra “Dicionários de termos literários”, 1974, afirma que poema é “toda composição literária de índole poética”.

O ilustre dicionarista assume a posição do mexicano Octávio Paz, que afirma ser o poema um organismo verbal que contém, que suscita ou segrega poesia.

É de considerar, ainda, que existem poemas sem poesia e que a poesia pode surgir da comunicação com uma crônica, um conto, uma novela, um romance, um filme.

Para o espanhol Sains de Robles, na obra “Ensayo de um dicionario de la literatura”, 1965, poesia é a manifestação da beleza artística por meio da linguagem. A palavra “poesia” vem do grego e significa criação, instauração, inovação. E nela devem-se considerar o fundo e a forma, ou seja, o espírito e o corpo.

As ideias, as imagens, os afetos, os sentimentos expressos pelo poeta



constituem o “fundo”; a “forma” é a adequada expressão, através de palavras.

No seu conjunto, a poesia é um estado de espírito, um sentimento, um sentir-se bem, uma sensação resultante de mil estímulos externos, não só da palavra mas, igualmente, por exemplo, de um belo pôr-do-sol, do aroma de uma flor, de um perfume, da atração pelo sorriso de uma criança, ou do afago de uma pessoa amada.

O poema não exige a verdade real ou históri-

ca, bastando a verdade verossímil, imaginada ou resultante da conexão entre as palavras do poema.

Chega de teorias! Vamos à prática, com o nosso sempre Drummond de A ndrade, 1902 -1987. No seu primeiro livro – “Alguma Poesia”, 1930 – a composição inicial leva como título “Poema de sete faces”, com óbvios sete estrofes, a última com estes versos: *“Mundo, mundo, vasto mundo / se eu me chamasse Raimundo / seria uma rima,*

não seria uma solução.”

Em outra composição, intitulada “Poesia”, o texto marca fundo as diferenças de significado entre “poesia” e “poema”:

Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever.

No entanto, ele está cá dentro inquieto, vivo.

Ele está cá dentro e

não quer sair.

Mas a poesia deste momento inunda minha vida inteira .

Percebe-se que, nas duas composições, o poeta Drummond carrega mais ênfase criadora no ritmo do verso do que no significado coloquial da modesta frase “gastei uma hora pensando um verso”.

Em outra obra, “A rosa do povo”, Drummond avisa: “*Não façam versos sobre acontecimentos. As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.*”

Por isso, o título acima “Um poema e mil poesias”.

(O professor Celestino é autor do livro “Literatura dos Catarinenses”)

AUSÊNCIA

Jacqueline Aisenman - Suíça

*não há sinônimos
para a ausência...
toda palavra
qualquer palavra
que se use
só conseguirá
falar de um lado
de uma face
de uma fase
de um estado
da ausência...
que é mais forte
mais profunda
corta a alma
fratura os ossos
embrulha as vísceras...
e no entanto...
é tão comum...
ausentam-se pessoas
ausentam-se coisas
ausentam-se sentimentos
ausentam-se as horas*

*ausentam-se as memórias
ausentam-se os sonhos
ausentam-se de mim...
ausento-me
também
que o contrário
das tantas ausências
é quase sempre
a sobrevivência...*



ARCAZ DE UM BARRIGA VERDE

Enéas Athanázio - Baln. Camboriú, SC

Meu amigo José Roberto Rodrigues, jornalista e poeta, brindou-me há tempos com um pequeno livro de Jose Boiteux que é uma raridade entre obras catarinenses. Como estivesse bastante estragado, em vias de se desintegrar, mandei restaurá-lo e só então pude ler sem que se desmanchasse nas mãos. Trata-se de “Arcaz de um barriga-verde”, publicado em segunda edição pela Typ. da Livraria Moderna, de Florianópolis, em 1933. O exemplar foi oferecido por Henrique Boiteux à Biblioteca do Grupo Escolar David do Amaral, do Rio de Janeiro, em 7 de junho de 1942, estabelecimento hoje extinto, segundo fui informado. Dali, de déu-em-déu, depois de ter vagado por sebos e mãos desconhecidas, veio a ter comigo. Traz algumas anotações, à mão, feitas por leitor atento.(*)

É um volume de contos de realce na obra do

autor, tanto que é sempre lembrado. “Arcaz” – de-



finem os dicionaristas – é “uma grande arca com gavetões”, objeto vetusto, usado nos tempos de dantes, embora bem apropriado à intenção do autor: guardar com segurança seus escritos. Ele próprio, talvez preocupado com o inusitado título, esclarece com minúcias, colocando a explicação na boca de um personagem: “É uma arca grande, com gavetas; e, si eu te disser que arca é uma caixa de madeira com tampa plana, segura com machas-femeas e fechadura, onde se guardam roupas, pa-

peis e dinheiro, ficarás sabendo bem o que é o móvel em que o nosso Pacheco põe ao seguro as suas tão preciosas notas históricas acerca de nossa terrinha” (p. 75, conforme a ortografia da época).

O livro contém oito narrativas, mais ou menos longas, todas de fundo histórico, explorando os fatos, as tricas e futricas da política e da burocracia, os casos acontecidos e as figuras curiosas de uma época em que os dias corriam lentos e a existência parecia mais tranqüila. Têm como pano de fundo a velha Desterro, a histórica Laguna logo após a República Juliana e outros recantos deste Estado que mal se conhecia a si próprio. São elas as seguintes: “A façanha do Onça”, “O Barbaças”, “No que deu um puxão de orelhas”, “Nem p’ra festa nem p’ra luto”, “A Anninha do Bentão”, “As ceroulas de D. Luiz Mauri-

cio”, “A narrativa do Zabumba”, “Um bródio no velho palácio” e “O sete carapuças.” Revelam um observador arguto, atento ao que ocorria e conhecedor seguro da História, que sabia mesclar com a boa ficção, tornando seus contos sempre interessantes. Alguns personagens aparecem em mais de um deles, tudo indican-

do que foram inspirados em pessoas reais, por ele captadas nos traços físicos e psicológicos. Tivesse a ampla divulgação de hoje, Boiteux estaria, talvez, entre os consagrados contistas nacionais. Pagou o preço de viver e escrever na Província.

Boiteux muito se empenhou para reativar o Instituto Histórico e

Geográfico de Santa Catarina e foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras, integrando a chamada “Geração da Academia”. Fundou ainda o Instituto Politécnico, embrião do ensino superior catarinense. Foi criação dele a Faculdade de Direito de Santa Catarina.

JANELA CÔSMICA

Luiz Carlos Amorim

**Nos meus olhos
Mora o tempo,
Memória da alma,
Repositório do coração.
Dentro dos meus olhos
Mora o mundo,
Moro eu
E o meu cosmo.
Dentro dos meus olhos,
Mora a minha alma,
A essência de mim.
No meu olhar
Mora a vida,
Moram todas as cores,
Mora a poesia.
Meu olhar é minha casa
E cabe o universo todo
Dentro da minha casa.**



Visite o Blog **CRÔNICA DO DIA**, em
[Http://luizcarlosamorim.blogspot.com.br](http://luizcarlosamorim.blogspot.com.br)

O cotidiano da arte, cultura, literatura.
Sempre uma nova crônica, um novo poema

MEU REINO POR UM PICOLÉ DE BUTIÁ

Fátima de Laguna - Florianópolis, SC

*Tal qual Gepeto invento e modelo
Não um menino. É meu castelo
de mentirinha, na areia do mar
Num afã de coelho de Alice, corro
contra o tempo*

*Não desalento. Meu intento é
passatempo, numa vidabutiá
Não abro mãos. Uma é na areia,
na outra, picolé, de butiá!
Saltem degraus, cavalariaços
noviços !*

*Ponham aqui e acolá, mudas de
tal maneira*

que tudo seja palmeira. Seja pé de butiá!

Na firmeza da areia movediça

calabouços vou fazendo, e muita ponte levadiça

Um castelo ergue-se na eternidade de um picolé

*Espalhem por todo o meu reino, mudas de butiá,
imediatos postiços!*

*Contra arietes? Tapem com peneira de palha de butiá,
e sol mortiço*

*Cafundós para pegar bobos e reis, dissimulem, com palha de butiá,
homens omissos!*

A princesa lá na torre, que coincidência!

*Justo “naqueles dias” virou Ismálialua, lambeu o castelo libelo,
na mudança da maré*

Eu? Olho o mar. Não abro mão. Nem pé. Vidabutiá... picolé... picolá...



EXPEDIENTE

Suplemento Literário A ILHA - Edição 142- Set/2017 - Ano 37
Editor: Luiz C. Amorim - Edições A ILHA - Grupo Literário A ILHA
Contato: revisaolca@gmail.com

A ILHA na Internet: [Http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br](http://www.prosapoesiaecia.xpg.uol.com.br)

Os textos assinados são de responsabilidade dos autores e as fotos
foram retiradas da internet, a maioria delas.

EU

Aracely Braz
São Francisco do Sul, SC



*Está escuro,
Muito escuro!
Meus pés flutuam,
Minhas mãos acenam.
Sigo, num doce embalo
Sem dimensão, nem lei.
Só flutuo.
Meu compasso é de acalento e paz.
Não vejo passado,
Sou presente,
Viajante para um futuro
Que se aproxima
E que oferta um raio de luz.
A luz fica mais forte,
Muito forte,
Muita luz.
O raio de um mundo novo,
O mundo em que cheguei.
Nasci.*

SER FELIZ

Célia Biscaia Veiga
Joinville,SC

*O que dizer ou fazer quando a sombra
Parece dominar o nosso dia,
Quando notícias fulminantes chegam,
Quando se vê esperanças caírem,
Quando um adeus nos entristece a
vida?*

*Como se pode superar todas as dores,
Juntar os cacos que envolvem tudo,
Recriar esperanças e seguir em frente?*

*É apenas possível prosseguir
Se tivermos dentro do nosso coração
A certeza de que somos fortes,
Que há um Algo Mais que nos conforta,
Que nos ampara e nos estimula.*

*Esse Algo Mais pode ter muitos nomes
Pode ser Auto-confiança, Determinação
Ou pode ser a Fé na Divindade
Seja qual for a denominação que se prefira,
Mas com certeza, é isso que ajuda
A reerguer-se e aprender a ser feliz.*



GRUPO LIT. A ILHA: 37 ANOS

Irene Serra - Rio (Editora do Rio Total)

Em junho de 1980, o jovem idealista Luiz Carlos Amorim torna realidade um sonho de há muito acalentado, ao reunir um pequeno grupo de escritores e poetas em torno de um ideal comum: divulgar suas obras, analisar textos de autores consagrados, enfim, tudo que pudesse difundir e aprofundar seus conhecimentos literários. Surge, assim, o Grupo Literário A ILHA, em São Francisco do Sul. Logo formam o Varal da Poesia, levando essa arte para praças e ruas, tornando-a acessível a todos e publicam a revista Suplemento Literário A ILHA.

O Grupo Literário A ILHA muda sua sede para Joinville e, a cada dia mais forte, expandindo-se com a associação de novos escritores vindos de todo o Brasil e até de outros países, desembarca em Florianópolis, no ano de 2000.

Desde então, acompanho o crescimento da mais perene publicação literária em Santa Catarina, o Suplemento Literário A ILHA. Muitos



e ilustres autores estão presentes, contribuindo, magistralmente, com poemas, crônicas, textos os mais diversificados. Espero, com ansiedade, cada nova edição, para desfrutar de uma leitura agradável e passar momentos de deleite.

Incansável, Amorim continua publicando livros – em breve chega a coleção Letra Viva - lançando inúmeros projetos, divulgando a poesia em vários meios de comunicação e aumenta seu leque de oportunidades aos leitores, ao oferecer-lhes, na internet, Prosa, Poesia & Cia, mantido pelo grupo, levando a literatura brasileira, especialmente a catarinense, para o

mondo.

Por tudo que tem feito em prol da poesia, é com justa razão que Amorim diz: “depois que A ILHA levou a poesia para a rua, tanto a poesia escrita em cartazes, folhetos, livros como a declamada nos recitais, os poetas são vistos como escritores, como artistas da palavra que são.”

Fincada nas quentes areias de Florianópolis e com o mesmo calor humano no coração de seus integrantes, A Ilha venceu como um importante e nobre espaço cultural. Temos muito a comemorar por esses 37 anos! Parabéns a todos pelo altruísmo, dedicação e perseverança!

MUNDO VICINAL

Gilberto Nogueira Oliveira
Nazaré, Bahia

*Flutuando por uma estrada vicinal
Que dá acesso a um vilarejo
Onde ninguém é batizado
Mas todos são felizes,
Eu me encontrei.
Pálido e incrédulo
Louco e insensato.*

*As pessoas me abordaram.
Eu era um estranho
Ali numa terra brilhante,
Onde todos trabalhavam
Com as mãos e as mentes.
Ali, eu me encontrei
Numa biblioteca pública
Onde todos frequentavam
E se deliciavam
Com a filosofia do século passado.*

*Perguntei a um velho morador
A idade do vilarejo
E ele me respondeu:
-Desde sempre estamos aqui.
Somos os espíritos do futuro
A reencarnar em vossos netos
Para que eles construam
O mundo do amanhã.*



O MENINO

Erna Pidner
Ipatinga, MG

*O menino vai
descalço de esperanças
desiludido da vida
desnordeado
revoltado
insatisfeito
desmotivado
desorientado
mal vestido de ilusão
mal nutrido de desejos
refém do imprevisto
isento de vontades
e sem forças
para adiante seguir.
Vai calado, cabisbaixo
sem ao menos encontrar
um sentido pra viver.
Vai sem pressa,
matutando
procurando uma saída
para esse seu sofrer.
Vai ao léu
desejando arrecadar
recados do céu.
Vai triste
e acabrunhado
sem meios de decidir
o que da vida
irá fazer.
Vai em meio
ao turbilhão
sem coragem de sanar
sua mente em confusão.
Quem irá ajudar
o menino
a se encontrar?*

LOUCURAS AOS MONTES

Mary Bastian - Joinville, SC

Procuro ser uma pessoa bem informada, leio jornal todos os dias, tenho NET banda larga, consequentemente internet, estou sempre procurando alguma coisa pra fazer e à noite leio romances, que a situação e a idade não permitem mais enfiar a cara em livros que fazem a gente ficar acordada pensando no que leu.

Mas desconfio que estamos ficando loucos, todos nós. Depois dos xiliques políticos, não se pode esperar mais nada de bom. O que foi o circo armado esta semana em Brasília, que na ilusão do Juscelino seria a capital de um país próspero, e não uma faculdade de ladrões? Liguei pra ver o que tinha na TV e dei de cara com um amontoado de engravados, provavelmente de diploma debaixo do braço, aos socos, pontapés, puxões de cabelos uns nos outros e um de



gravatinha cor de vinho, grudado ao lado do microfone, possivelmente gravando o que diziam e apoiando ou vaiando o que ouvia.

Não me permiti ver o resto, porque me veio à lembrança minha estreia como professora, num bairro miserável de Porto Alegre, onde se chegava aos solavancos por uma estrada de terra e a primeira coisa que vi, foi uma professora tentando acalmar uma turma que estava numa disputa acirrada pelo resultado de uma partida de futebol. Voavam lápis, giz, cadernos, bolinhas de papel e o mais que eles encontravam. Até que chegou a diretora. A desculpa deles: estavam festejando o jogo.

Mas o que mais me perturbou, hoje, foi o artigo de Norival Raulino, falando em um projeto que ronda o Senado, proibindo que livros sejam vendidos abaixo do preço de capa. Nem vou contar isto pra Mariza Schiochet, ou pro Luiz Carlos Amorim, que trabalham incansavelmente pra espalhar livros por esta e por tantas outras cidades.

Livros não deveriam ser vendidos, deveriam ser doados, emprestados, trocados, espalhados pela cidade como esses dois fazem.

Então, acho que ao invés dos senhores deputados federais ficarem dando um espetáculo circense, pra provar que quem ganha mais trabalha menos, que quem pode mais chora menos, ouçam o que diria meu avô: “Aviem-se, que são horas de trabalhar. Des canso é aos domingos.”

AQUI E AGORA

Marli Lucia Lisboa - São José, SC

*Hoje assim como estou, aqui e agora
Gostaria de poder acariciar teu rosto.
Contar as estrelas que brilham lá fora,
E aproveitar o tempo que me é disposto.*

Há um espaço que separa um encontro.

Há um tempo que aumenta uma distância ...

*Como sentirei o calor de teu corpo,
Se estou só com uma vaga lembrança?*

Vem. Preciso de ti assim como és.

Não queres vir junto comigo?

Deixo na estrada a marca dos meus pés,

Para que possas encontrar sempre o meu abrigo!

Aqui estou para oferecer tudo o que tenho.

Aqui sou eu que choro e te chamo.

Há um grito abafado que contendo

Para não sofrer quando teu nome clamo!

Agora sinto tua presença.

Agora és alguém que chega.

Há uma imagem de ausência

Para me aquecer, é teu ser que me aconchega...

A noite já chegou em meu quarto.

O espaço já se perdeu no tempo.

Se não vens, sou eu que parto

Para ficar contigo junto ao meu corpo

Gostaria de amparar teu sorriso que anima

Mas, aqui e agora, estou sozinha...

Gostaria de erguer teus olhos sem lágrima



*Mas estou longe, triste tristeza minha!
O que quero esta em meu pensamento:*

Teu beijo, teu abraço, tua palavra amiga.

Tua saudade me envolve por momento

E assim, aqui e agora, fico entorpecida!

Lá, no ontem, eu te encontrei,

Fui te buscar para ficares junto à mim!

Aqui, no hoje te procurei

Não te achei, mas não estamos no fim

Haverá de acontecer tua chegada,

Haverá de aparecer eu surgindo.

E assim, na paz que te dou calada

Ultrapassaremos o espaço-tempo com

os nossos corpos se unindo ...

Nos veremos nos intervalos da realidade.

sonharemos sem as dores do mundo

lá de fora,

E na linha do horizonte mataremos a saudade

Com um encontro nosso entre o aqui e agora ...

PIERRE ADERNE: PALAVRAS SUPREMAS

Pode-se tirar alguém da música, mas não se tira a música de alguém: que o diga Pierre Aderne, cantor e compositor nascido em Toulouse, França, cujo último disco, *Da Janela de Inês* (editado em Fevereiro), nasceu de textos escritos para um romance, que afinal acabaram tornando-se canções.

O músico, filho de pai português e mãe brasileira, mudou-se para Lisboa há seis anos e o encantamento pelo País parece não ter fim: confessa-se apaixonado pelo vinho (“para mim, é poesia”), pela música portuguesa (já colaborou, por exemplo, com Cuca Roseta, Jorge Palma, JP Simões, Gisela João e António Zambujo), pelos escritores nacionais (Valter Hugo Mãe e José Luís Peixoto à cabeça) e até pelo multiculturalismo da capital portuguesa.

A maior prova é precisamente *Da Janela de Inês* – o seu sétimo álbum, que nasce de fragmentos do diário de

uma personagem imaginada por Pierre Aderne, uma lisboeta que foi ganhando forma na sua cabeça. “Fui traçando a personagem, que foi ganhando forma: os cabelos

pretos, a pele branca... Assim fui construindo a delicadeza dessa mulher – uma mulher com muito amor e muito medo, muito corajosa e muito covarde, muito ambígua – num apanhado de textos que na verdade falam do amor”, explica.

Contudo, os excertos que Pierre Aderne escreveu e passou para disco (são 11 e correspondem a “11 dias na vida de Inês”) só ganharam forma quando o autor e Leo Minax (músico brasileiro residente em Madrid, responsável por musicar os textos) descobriram música neles.

“Comecei a perceber que eram muito sintéticos e coloquei alguns



fragmentos no meu blogue. Tinham um tamanho muito parecido com o das letras, talvez pelo meu vício de as escrever... e comecei a perceber que, apesar de fugirem das rimas, havia música ali”, explica.

No fundo, diz Aderne, “o formato pouco importa – as palavras são supremas”. São elas que protagonizam *Da Janela de Inês*, envoltas numa mescla sonora que vai do jazz à bossa nova e do fado aos ritmos africanos, num resultado tão multicultural como a “agora sua” Lisboa.

*(Entrevista a
Gonçalo Correa.
Nesta edição, texto
de Pierre Aderne,
especial para A ILHA)*

INÚTEIS VERSOS

Roney Prazeres
Florianópolis, SC

*Vou dizer os meus versos
Estes inúteis versos tardios
Pois meu tempo foi ontem
E nada mais tenho o que falar
Além destes versos passados
Requentados em folhas amareladas
Sem sentimentos que contem
Tão opacos que já nada vejo por eles
Quero que estes versos sujem as ruas
Com palavras tão nuas
Que causem risos nervosos na plateia
Eles nada mais podem fazer por nós
Pois são palavras que bem caberiam
Em um tempo inocente
Bem diferente do tempo de agora
Tempo de luta e ventania
De grito e desalento
Mesmo assim
Vou dizer os meus versos
Toscos – óbvios - mal vestidos
Doidos – afoitos – malditos
Para que todos digam:
Como são tristes os teus versos!*

ÁRVORE

Teresinka Pereira-USA

*A árvore pensa
sua sombra
sob um arco-íris.
Ao longe,
um branco moinho acena,
como um relógio
que ultrapassa
o tempo.*

SENTIDOS

Rita Pea
Lisboa, Portugal

*Deixei-me envolver de corpo inteiro
Na melodia que fluía nas tuas mãos,
como um rio.
Ouvi, de olhos fechados, a tua alma
ao piano.
Fiquei suspensa, nos versos silencio-
sos que tocaste.*

*Estavas alimentado pelo segredo da
noite,
E eu, inquieta na sombra. Louca pela
partilha do céu.
Ávida pelo magma do vulcão adorme-
cido...*

*Queira transbordar-me de vida, sub-
mersa na plenitude dos sentidos.
Queria sentir-te, para sempre.*



A POESIA EM PESSOA

Luiz Carlos Amorim

O título é ambíguo, pode parecer que vou falar da Poesia de Fernando Pessoa. Mas desta vez, não. É sobre uma pessoa conseguir personificar a poesia. Viver a poesia. Ser a poesia. Sempre achei que saber declamar um poema é um dom. Eu nunca tive esse dom. Escrevo poemas mas não sei declamá-los. Apenas os leio. E muito mal. Sei que uma boa declamação valoriza o poema. Em compensação, um poema mal dito, mal lido, faz parecer que ele é menos bom do que realmente é.

Então, reputo da maior importância a existência de bons declamadores. Existe, em Jaraguá do Sul, no norte de Santa Catarina, um concurso de declamação. A edição deste ano é a vigésima sexta e o concurso revela as pessoas que sabem declamar bem, sejam poemas próprios ou de outros autores. Já fiz parte do júri dese certame, por alguns anos, e foi uma honra poder

constatar a revelação de talentos na arte de declamar. De maneira que não é com um encontrar bons declamadores. É até bastante raro. Mas recentemente, em um sarau poético, tive o privilégio de conhecer uma senhorinha, que com seus noventa anos, deu um show de declamação. Poesia de cor, na ponta da língua, expressão corporal, voz no tom e nas nuances certas, interpretação impecável! Dona Marilde é pura inspiração e pura juventude!

Eu até poderia dizer que fiquei com inveja, mas na verdade o que sinto é pura admiração pela performance daquela criatura fabulosa e linda, transpirando talento e poesia por todos



os poros. Terminado o sarau, eu e Stela fomos conversar com ela e ela esbanjou simpatia e dinamismo, declamando, só para nós, mais outros poemas.

Quero chegar aos noventa anos assim, com toda aquela disposição, com aquele entusiasmo, com toda aquela vida explodindo também em mim, como em dona Marilde. Declamar de verdade é isso, minha querida Dona Marilde. Prazer em conhecê-la. Nem que eu viva noventa anos vou esquecê-la, porque a senhora é a imagem da poesia. Viva e perene poesia.

CHUVAS E SAPATOS

Rosângela Borges, México



*Eu quero estrelas.
De novo.
Meus sapatos apertam.
Eu espero. Me calo.
Eu paro.
Adormeço. Escureço.
Adoeço.
E chove.
E me amassa.
Eu me rendo.
Rastejo. Esqueço.
Tenho medo.
Não ando.
Eu sangro.*

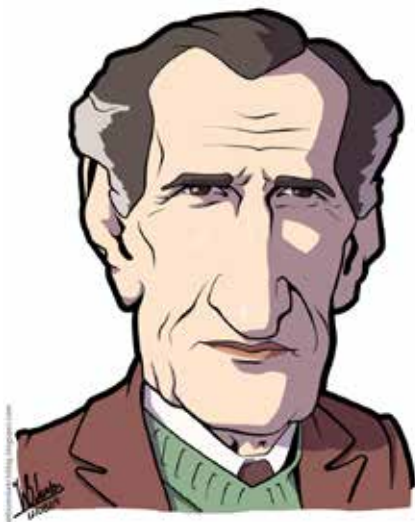
*Sem vento.
Sem volta.
Sem nada.
Longe de casa.
Eu grito.
Me desviro.
Insisto.
E amanhã,
eu troco meus sapatos,
procuro outra estrela. Outra chuva.
E me desamasso. Me descalço.
Me refaço.
E me invento. Relembro...
Eu tento!*

PROSPECÇÃO

Miguel Torga, Portugal

*Não são pepitas de oiro que procuro.
Oiro dentro de mim, terra singela!
Busco apenas aquela
Universal riqueza
Do homem que revolve a solidão:
O tesoiro sagrado
De nenhuma certeza,
Soterrado
Por mil certezas de aluvião.
Cavo, lavo, peneiro,
Mas só quero a fortuna
De me encontrar.
Poeta antes dos versos
E sede antes da fonte.
Puro como um deserto,
Inteiramente nu e descoberto.*

(Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, foi um dos mais influentes poetas e escritores portugueses do século XX. Destacou-se como poeta, contista e memorialista, mas escreveu também romances, peças de teatro e ensaios.)



ENCANTAMENTOS

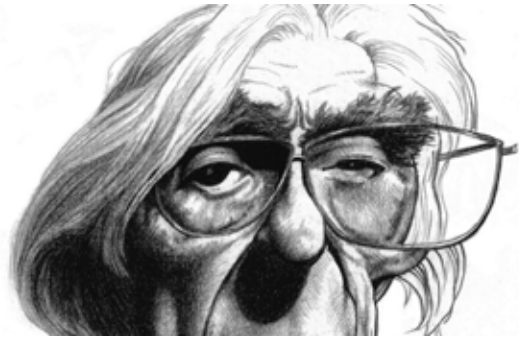
José Eduardo Agualusa - Portugal

No primeiro dia de setembro de 2010 entrei na Livraria da Travessa, no Leblon, no momento em que o poeta Ferreira Gullar apresentava *Em alguma parte alguma*. As cadeiras estavam todas ocupadas. Havia dezenas de jovens sentados no chão. No momento em que me sentei, uma moça ergueu a mão:

- Para que serve a poesia?

Esta é uma daquelas questões que, cedo ou tarde, todos os poetas enfrentam. A resposta mais frequente, mais falha de imaginação e de verdade, assegura que a poesia não serve para nada. Alguns poetas, em especial os portugueses, acrescentam a seguir que também a vida não serve para nada, etc.

Felizmente, Ferreira Gullar tinha uma boa resposta. Muitos anos antes, exilado no Chile, durante o Governo de Salvador Allende, costumava almoçar, aos sábados, com um grupo de outros expatriados



sul-americanos. Ao seu lado, sentava-se habitualmente um economista argentino, namorado de uma bela morena brasileira. O economista não tinha outro assunto que não fosse o da sua especialidade. Até que um dia a morena o abandonou. No sábado seguinte o economista chegou triste e desmazelado. Sentou-se, e só falou de poesia. «Quando a morena vai embora», concluiu, triunfante, Ferreira Gullar, «a economia não serve para nada. Nenhuma ciência nos ajuda. Só a poesia nos pode salvar».

Na origem, a poesia era uma disciplina da magia. Servia para encantar. Continua a ser assim, embora, no sen-

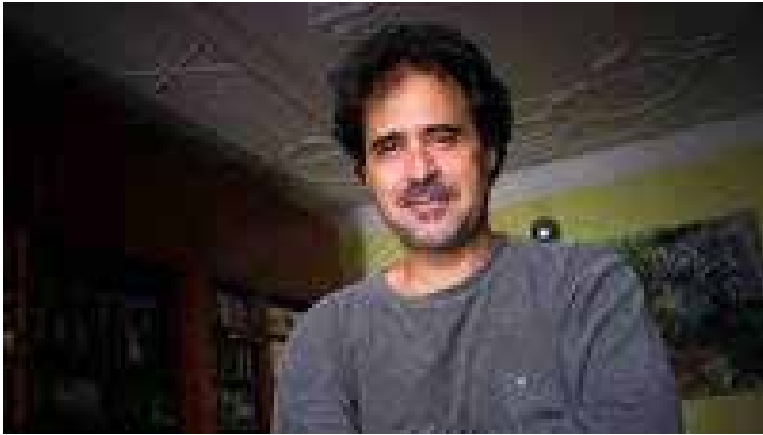
tido literal, poucas pessoas ainda exercitem essa antiquíssima arte. Uma tarde, em Benguela, conheci uma das derradeiras praticantes. Almoçava com amigos, e amigos de amigos, num desses quintalões antigos, carregados de frutos, e de boa sombra, da cidade das acácias rubras. A determinada altura escutei um sujeito referir-se a uma tal Dona Aurora:

- A velha receita poe-
sias.

- Recita - corriji.

O homem, um oficial do exército, encarou-me, irritado:

- Não senhor! Receita! Dona Aurora receita poesias. Resolve problemas de amor, amarranças, mau-olhado, tudo



com versinhos.

Fiquei interessado. Anotei o endereço da curandeira num guardanapo e na manhã seguinte bati-lhe à porta. Dona Aurora morava na Restinga, num casarão, em madeira, muito maltratado. A velha senhora, miúda, muito magra, vestia de cor de rosa. Toda a sua força parecia residir na cabeleira, a qual mantinha uma vigorosa rebeldia juvenil. Convidou-me a entrar. Móveis dos anos 50, muito gastos. Estantes carregadas de livros velhos. Aproximei-me. Poesia, e mais poesia: Florbela, Camões, Vinícius, José Régio, Sophia, Drummond, Manuel Bandeira, tudo misturado, num bem-aventura-

do desrespeito a fronteiras políticas, estéticas e ideológicas. «O meu marido sempre gostou de poesia», justificou-se: «Eu, menos. Foi só depois dele morrer, há 30 anos, que descobri o poder dos versos.»

Acontecera um pouco por acaso - contou. Uma tarde deu-se conta de que certos sonetos parnasianos (os mais trabalhosos) a ajudavam a vencer a insónia. Mais tarde, que João Cabral de Melo Neto, a partir de «O cão sem plumas», era muito eficaz no combate à cefaleia. Pouco a pouco foi desenvolvendo um método. Combatia a prisão de ventre lendo alto a Sagrada Esperança. Mantinha o quintal livre de ervas da-

ninhas, percorrendo-o, ao crepúsculo, enquanto soprava devagar «O guardador de rebanhos».

Numa cidade pequena não tardou que tais excen-

tridades lhe trouxessem, primeiro inimigos, e depois devotos seguidores e pacientes. Hoje, ela recebe a todos, ricos e pobres, na sala onde me recebeu a mim. Ouve as suas queixas, levanta-se, percorre as estantes, e regressa com a solução. «Quem me procura mais são mulheres querendo reconquistar o coração dos maridos. Recomendando que lhes murmurem, enquanto dormem, algum Neruda, as vezes Camões, outras Bocage.»

Dona Aurora não aceita dinheiro pelos serviços prestados. «Não sou eu quem cura», explicou-me, «é a poesia».

(Foto: Agualusa)

O CÂNTICO DA TERRA

Cora Coralina

*Eu sou terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o ho-
mem.
De mim veio a mulher e veio o amor,
veio a árvore, veio a fonte,
vem o fruto e vem a flor.
Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura do teu lar.
A mina constante do teu poço.
Sou a espiga generosa do teu gado
e certeza tranquila ao teu esforço.
Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
e a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.
Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.
A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino do teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.
E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranquilo dormirás.
Plantemos a roça.
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos do sítio
felizes seremos.*

ENTRE SONO E SONHOS

Fernando Pessoa

*Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho
Corre um rio sem fim.
Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.
Chegou onde hoje habito
A casa que hoje sou.
Passa, se eu me medito;
Se desperto, passou.
E quem me sinto e morre
No que me liga a mim
Dorme onde o rio corre —
Esse rio sem fim.*



*Leia a edição especial do
Suplemento Literário A ILHA
com os poetas da Confraria do Pessoa*

A VOLTA DE CRUZ E SOUSA A SANTA CATARINA

Lauro Junkes

Amigo Cruz e Sousa, Poeta da nossa bela e Santa Catarina, Poeta Universal de todas as gentes, celebramos nesta tarde de 29 de novembro de 2007, um momento triunfal para tua glória e, quão grato nos seria, contar com a tua presença corporal entre nós, para que pudesses constatar que hoje se concretiza, também na tua amada terra catarinense, na tua natal Ilha de Santa Catarina, aquele “Triunfo Supremo”, a que tanto almejaste e do qual sequer um vislumbre te foi concedido em vida.

Em atitude e sentimento de desagravo, queremos reviver, na tua presença aqui vivificada, aquele desditoso momento da tua despedida desta vida, nos dias 19 e 20 de março de 1898, na descrição do teu amigo Carlos Fernandes, feita no calor da hora e inclu-



ída no seu romance autobiográfico “Fretana”:

“Somente os quatro amigos, compungidos, chorosos, inconsoláveis, compareceram à Central, para receber os despojos estremecidos. Tibúrcio, Jubim, Frederico e Nestor acorreram, solícitos, ao cumprimento do cruciante dever. Foi uma surpresa que a todos colheu e consternou, quando estavam justamente no limiar de uma grata expectativa. O trem parou, os passageiros, despreocupados, desceram; foi mister

atingir a cauda do comboio, onde vinha o corpo no chão do carro, sobre uns papéis estendidos à guisa de lençol, sem uma flor, sem uma grinalda, sem uma luz. Foi indiscreto a cena de dor desenrolada no vagão sem janelas, sem bancos, onde se transportavam muares e bois, para o tráfego e açougues da cidade. No leito sujo, que as bestas conspurcavam, jazia imóvel, pequenino, envolto no seu único terno marron, o “homem apocalíptico”, que tivera sempre um sorriso e um hino para todas as galas da natureza.”

Solicito, neste momento, que façamos um minuto de silêncio, em desagravo às discriminações sofridas pelo inditoso Poeta Negro, instaurador do Simbolismo no Brasil, momento durante o qual possamos transitar da tragédia para

a glória.

Imortal e Universal
Poeta Cruz e Sousa, temos consciência de que viveste circunscrito à vida de “Emparedado”, naquele “O Grande Sonho”:

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,

Doloroso e profundo Sentimento!

Vai, vai em harpas trêmulas do vento

Chorar o teu mistério tenebroso.

Defraudado pela dilacerante “Vida obscura”:

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,

Ó ser humilde entre os humildes seres.

Embragado, tonto dos prazeres,

O mundo para ti foi negro e duro.

Não obstante, tua Lucidez permaneceu íntegra, naquele “Sorriso Interior”, porque

O ser que é ser e que jamais vacila

nas guerras imortais entra sem susto,

leva consigo este brasão Augusto

do grande amor; da grande fé tranquila.

Tiveste plena consciência de ser “O Assinala-



do”, mesmo sem nunca experimentar qualquer manifestação de reconhecimento. Agora podemos aplaudir-te:

Tu és o louco da imortal loucura,

O louco da loucura mais suprema.

A terra é sempre a tua negra algema,

Prende-te nela a extrema desventura.

Contigo queremos peregrinar “De alma em Alma”:

Vai! Sonhador das nobres reverências!

A alma da fé tem dessas florescências,

Mesmo da morte ressuscita e brilha!

Na suave melodia dos teus versos de “Violões que Choram”, diluem-se as ásperas algemas da matéria densa:

“Vozes veladas, veludosas vozes,

volúpias de violões, vo-

zes veladas,

vagam nos velhos vórtices velozes,

dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas”

Desfruta, agora e sempre, daquele “Grande Momento”:

“Eis o grande momento prodigioso

Para entrares sereno e majestoso

Num mundo estranho de esplendor sidéreo.”

Como tu tanto almejaste, mesmo que em vão durante a dura existência corporal, convive agora com o “Supremo Verbo” e ensina-nos a arte poética da vida:

Sorrindo a céus que vão se desvendando,

A mundos que se vão multiplicando,

A portas de ouro que se vão abrindo!”

E teu último soneto, na dor dilacerante e quixotesca da lucidez poética

de vanguardista, desde-
nhada, não reconhecida,
não Compreendida, re-
presenta a voz pondera-
da de maturidade supre-
ma, que ninguém fará
calar enquanto humana
sensibilidade existir:
“Assim Seja”

*Fecha os olhos e morre
calmamente!*

*Morre sereno do Dever
cumprido!*

*Nem o mais leve, nem
um só gemido*

traía, sequer, o teu sentir

latente.

Retornado, finalmen-
te, a tua ilha natal que,
juntamente com teu
amigo Virgílio Várzea,
propunhas denominar
Ondina, eleve-se, per-
manente, entre todos os
catarinenses, o fulgor
sublime do teu canto
poético. Da nossa parte,
inscrevemos em nossos
corações, atribuindo-o
na íntegra e com plena
justiça a ti, este verso,
gravado na base da está-

tua sedestre do imortal
Machado de Assis, que
se encontra no pátio ex-
terno da sede da Acade-
mia Brasileira de Letras,
no Rio de Janeiro: “Esta
é a glória que fica, eleva,
honra e consola.”

*Os restos mortais do imor-
tal poeta estão no Palácio
Cruz e Sousa, e não no
Memorial construído para
ele, infelizmente.*

*O Memorial Cruz e Sousa
está apodrescendo no
tempo, por incompetência
do Estao, há vários anos
(Nota do Editor)*

PROCURA

Harry Wiese - Ibirama, SC

*Procuro meu verso na ribanceira do rio
onde as pedras olham fixas para as águas.*

*Procuro meu verso no palco
onde os homens esperam ansiosos pelo espetáculo.*

*Procuro meu verso nos baús envelhecidos
onde as aranhas tecem embaçado o passado distante.*

*Procuro meu verso na tua face plácida
onde a dor desfêz as pétalas da vida.*

*Procuro meu verso nos porões do abismo
onde repousam tesouros sinistros.*

*Procuro meu verso em tantas procuras
e procuras tantas
que é um procurar constante
a fortuita imagem de procurar.*



“ESQUECENDO” LIVROS

Luiz Carlos Amorim - Florianópolis, SC

Eu venho “esquecendo” livros em aeroportos, navios, portos, em lugares públicos em outros países, inclusive, há vários anos. Foi uma ideia que surgiu inadvertidamente, sem nenhuma pretensão, mas que trazia prazer em fazer, pois é muito bom imaginar que alguém vai achar o livro e vai levá-lo para ler. E o que é melhor ainda, pode passá-lo adiante, depois, para que outras pessoas possam lê-lo, também.

Então fico sabendo, há pouco tempo, que minha amiga Norma, escritora e cronista da nossa Ilha de Santa Catarina, também faz isso há um bom tempo, sempre “esquecendo” livros por onde quer que vá. E ela até fica à espreita, às vezes, para ver a reação da pessoa que vai achar o livro. A pessoa vai levar o livro, vai lê-lo ali mesmo e depois deixá-lo no mesmo lugar? Ela me disse que já se surpreendeu com o que viu. Por exemplo: uma pessoa

apanhou o livro, inspecionou-o, olhou para os lados, como para ver se alguém estava olhando, colocou-o na bolsa e foi embora, de fininho. Como se achasse um tesouro. Não é interessante?

Dia destes, recebi uma mensagem de um outro escritor, o poeta Roney, que anunciava o projeto “Esqueça um livro e espalhe conhecimento”, já na segunda edição neste ano de 2017, ou seja: está instituído o “Dia de esquecer livros”, no dia 25 de julho. O projeto conclama a todos a esquecerem livros na padaria, no banco da praça, nos pontos de ônibus, dentro do ônibus, dentro do trem, dentro do metrô, no restaurante, em todo lugar público. Até sugeria um bilhete para se deixar no livro a ser



esquecido: “Você achou este livro, agora ele é seu”. Eu acrescentaria, como fazia na página de dedicatória dos livros que “esqueci” por aí: Leve o livro, leia e, se puder, esqueça-o em algum lugar público para que outra pessoa venha a lê-lo.

Tudo isso para dizer que esse gesto de “esquecer” um livro pode fazer a gente muito feliz. E faz. Outro dia, numa reunião de escritores da Confraria do Pessoas, que fizemos em Santo Antonio de Lisboa, deixei no restaurante um livro com a mensagem sobre a qual já falamos: leia e deixe o livro num

local como este, para que outra pessoa o ache e possa ler. Pois no último final de semana, em outro encontro da Confraria, uma nova adesão da nossa Confraria do Pessoas, a escritora Cláudia Kalafatás, com esse nome bonito e tudo, me dizia que foi ela a leitora que pegou o livro que deixei lá em Santo Antonio de Lisboa. E que ela já tinha copiado alguns poemas e já o tinha “esquecido” em outro lugar. Não é sensacional? Conheci uma

das pessoas que encontrou um de meus livros, e ela me disse que gostou de alguns poemas e que até os copiou. É pra ficar feliz, vamos combinar.

E ainda ganhei de presente o livro da escritora, poetisa de mão cheia, que escreve coisas belíssimas como “Dimensão: Quero que meus olhos / contem aos teus / o quanto me és.”

Então, “esquecer” livros é fundamental. Quantos leitores lerão nossos livros “esquecidos”? Um,

nenhum, muitos? Não importa. O que importa é que isso significa a oportunidade de ler, de gostar de ler, de ter e manter o hábito de ler para muitas pessoas. Significa incentivar a leitura. E leitura é tudo. É descoberta, é conhecimento, é entretenimento, é cultura. É oportunidade de uma vida melhor, pois estudar é ler, ler é estudar. E estudar é se preparar para a vida, é garantir para cada um de nós uma vida digna.

TEMPESCENDO

Pierre Aderne - Lisboa, Portugal

"ela queria ver o mar para desanuviar os olhos pesados de pensarias, já sentia nas costas e nas mãos suaves que estava tempescendo, só o mar tinha as lentes para ela enxergar o mundo novamente azul. Ela queria ver o mar, mas naquele dia a noite passada não deu a ele o escuro para dormir, ele encontrou uma sombra e sombrou até o sol se por. Ela queria ver o mar. Ele lhe ofereceu um de seus búzios para que ela o colasse aos pés do ouvido. Deixou a torneira aberta a madrugada toda, quando o sol finalmente raiou, ele colocou-a na garupa de sua bicicleta e rumou para a praia. Ela sorriu. Lá estava o mar lindo e manso a sua espera."



BALANÇO DAS AMOREIRAS

Lorena Zago - Ibirama, SC

*A tarde desvela-se calma e serena,
Sombras das amoreiras espelham-se
Nas águas plácidas do rio.
Pequenos cardumes de peixes
Anunciam-se saltitantes.
O contexto emana harmonia,
Contracenando com os raios solares,
Que constituem um colorido
Energético, mágico, enigmático à
natureza.*

*Tufos de vento entrelaçam-se com a
brisa reinante,
Amoreiras desfilam suas folhas e
frutos,
Emprestando elegância ao cenário.
Bailando por sobre as águas,
Com leveza e sapiência,
Envolvem-se graciosamente os vege-
tais,
Que se desprendem das margens do
rio.
Ornamentam e acompanham sem
restrições,
A ordem natural das águas a seguir seu
caminho.
Nem o vento, nem o tempo, nem o dia
e nem a noite,
Conseguem desvirtuar o curso normal
das águas correntes.*

*O balanço das amoreiras,
Integra-se à harmonia misteriosa,
E solidariza-se aos elementos geográ-
ficos,
Que compartilham elegantemente os
desafios.*

DANÇA

Cassiano Iope



*Ela transcende o palco
Parece nem tocar o chão pesado
Pés descalços
Aproxima-se de voar
A se apaixonar por um abraço
Íntimo e claro.*

*A sua música é sutil
Clássicos de vinil
Sempre tão afinados.*

*A capitã e seu barco
Maestria é predicado
No balanço do mar calmo*

*Dança que absorve cada movimento
Deliciado de sentimento
Brisa de vento apaixonado
Frescor de garoa cristalina
Alma de menina
Colorindo no espaço*

*Lábios mélicos, cabelos angélicos
A voz mais bela do meu universo
Meu tom vocálico*

E eu sou o seu teatro

*Um templo para o seu espetáculo
Onde a magia entre nós é colapso*

O SOFÁ DEVORADO

Paulo Clóvis Schmitz - Fpolis, SC

Trocaria o pouco capital que possuo pela verve de Flávio José Cardozo, que topou com um sofá na rua e transformou o episódio, de resto trivial, numa crônica belíssima, dessas que ficam na memória para sempre. Porque aquele móvel tinha servido a uma família, ou a mais de uma, e como tal valeu para o repouso, o deleite e, quem sabe, para o prazer de gente que fez nele o que se faz na cama, em regra. E no entanto estava ali, num beco, abandonado, roto, desprezado como um velho cuja força de trabalho já não pode ser usada, a preço de banana, pelas engrenagens do capital.

Lembrei-me mais vividamente desse texto ao me desfazer, após um bocado de anos, de um sofá que os cupins devoraram no apartamento onde moro. Ele não se desmantelou, mas os bichinhos, após engolirem boa parte da madeira, transferiram-se para um pé de mesa e para a



cama, que igualmente teve de ser descartada. Os cupins também foram responsáveis por perfurar um volume da coleção Primeiros Passos, da Brasiliense, e um disco com os clássicos de Ângela Maria. Concluí que somos mesmo imprestáveis, porque qualquer inseto voador nos derrota fragorosamente, com prejuízos de dar dó.

Confesso que me condoí mais com o sofá de Flávio Cardozo, graças à pena genial do escritor, do que com o móvel que na semana passada, ao chegar em casa, não encontrei mais no seu lugar. Mas admito que jamais vou ter outro sofá como aquele, feito na medida para minhas dores lombares e que me

safou sempre que precisei recostar o pescoço e a região cervical num apoio anatômico perfeito. Aquele modelo já não existe em lugar algum, porque a indústria do segmento muda, às vezes para pior, os seus modelos e métodos de produção.

Meu sofá foi parar na sala de um conhecido que se esconde numa periferia mais afastada que a minha e que dará jeito na forração e no tecido porque sabe resolver essas coisas práticas que eu, mero escrevinhador, nunca aprendi a contento. Vou sentir falta dele, mesmo admitindo que teve destino menos inglório que aquele que Flávio encontrou no ostracismo. A diferença é que o abandono do “sofá na rua” (o título da crônica) teve uma testemunha privilegiada, ao passo que o meu se despediu sem cerimônias, numa tarde de outono, no anonimato que se abate sobre a maioria dos sofás do mundo.

SEMENTES PLANTADAS

Arlete T. dos Santos
Gaspar, SC



*Sementes de girassol depositadas
Com carinho no solo.*

Elas brotam...

Belas flores iluminam o jardim.

Atraem borboletas coloridas

*E os passarinhos alegremente assa-
nhados*

Saboreiam as novas sementes...

Que espetáculo lindo,

Sementes plantadas renderam

Alegrias dobradas.

É o ciclo da vida.

PRAIA DA SOLIDÃO

Denise de Castro
Florianópolis, SC

*Anda, vem pra rua
Ouvir a cantiga do mar
Na ilha noturna
Pescador espera te ver
Pra poder ir pescar
Estrelas do mar
Enfeites de conchas
Pro teu vestido de algas marinhas
Peixes de luz
Espuma das ondas
Da Praia da Solidão
Na ilha...*



UM HOMEM

Sou um homem com identidade. O todo – completo. Com sombra e luz. Homem que projeta as suas ações para além de si mesmo. Apreciador do passado – da História humana. Atento ao presente. Certo de que a esperança não é um futuro distante. Inteiro. Íntegro. Lutando pelos seus direitos. O verdadeiro. Aquele que, acreditando em si mesmo, encontra-se com Deus. Aceito minhas origens. Aprendo com o outro que habita em mim, embora não seja duplo. Respeito o outro que mora ao lado. Sou amigo – sinto o sabor da partilha. Olho nos olhos – só existo porque sou direto. Habito os campos, a praia – o mar é minha morada. Mas gosto dos guetos, dos becos. A vida é minha fonte de prazer. Não sou covarde. Não defendo Pátria nem língua – sonho os homens sem fronteiras. Não sei ser sozinho. Faço do amor uma profissão de fé. Amo a humanidade porque me reconheço nela. Sou doce, mas sei ser feroz. Sou avesso à hipocrisia. Admiro o belo e defendo qualquer manifestação criativa. Aprendi, desde cedo, a me admitir. Não sou divino. Sou homem.

(Texto de Marcos Meira, Florianópolis, SC)

VENTO, VENTANIA

Chris Abreu - Fpolis, SC



*O vento se insinua
Acariciando meus cabelos
Traz perfume de mata orvalhada
Traz frescor da madrugada
Faz música nas frestas da alma
Ora suave melodia que acalma
Ora furor repleto de sensualidade
Amigo de longa data
Teus caprichos já conheço
Embora te julguem com rigor
Te recebo com grande apreço
Enrosca-te nas árvores
E as faça dançar
Canta teu uivo soprano
Na Ópera da Vida
E a torna mais bela
Em contrapartida*

SONETO DOAMOR ETERNO

Márcio Rodrigues
Laguna

*Procuo em ti o amor tão terno e grato
Neste anseio que me arde e me tortura
Que seja bravo, generoso e sem usura
Não o de oferta, tão fácil, tão barato.*

*Quero do amor o esforço da procura
Do garimpo da pepita mais intacta;
Não a que sobra e se oferece de sucata
Da escória que sobrou da lavra impu-
ra.*

*Então o guardarei como um tesouro
E cuidarei que seja terno e duradouro
Sem descuidar do cuidado que o
segure.*

*Que a chama que o aqueça não se
apague
Que o preço justo para tê-lo, eu pague.
Que seja eterno e para sempre dure.*

ESSA LUZ

Cláudia Kalafatás, Florianópolis, SC



*Dá-me o prazer
de ver que pus
em teu rosto essa luz
que te tornou feitiço
e que seduz.*

*Branda fagulha
do ardor intenso
que fazes jus...*

A BORBOLETA AZUL

Urda Alice Klueger - Palhoça, SC

A borboleta maravilhosamente azul morria na calçada, enquanto eu vinha arrastando o meu cansaço extremo. Comovi-me com a mocinha que não se conformava com o desapego à vida por parte da borboleta – afinal, cresci numa rua onde todas as crianças criavam borboletas desde que eram pequenos ovinhos em folhas de couve, e aprendera uma porção sobre elas. Parei para consolar a mocinha:

- Ela agora vai morrer. É assim mesmo. Já deve ter posto seus ovos, e agora vai morrer.

Não é impossível pensar-se que as borboletas possam sentir solidariedade – talvez aquela tenha sentido. O fato é que adejou mais uma vez suas asas maravilhosamente azuis, talvez seu último adejar. Consolei mais uma vez a mocinha:

- Elas vivem poucas horas...

Havia que me ir – uma fisioterapia que se

alonga me aguardava um pouco adiante. Mas fui com aquele azul maravilhoso da borboleta dentro dos olhos, aquele último adejar de asas

encantadas que vão se transformar em nada, em poeira de calçada... Mesmo assim andava rápido, havia o horário da fisioterapia, bem quando ... não podia ser verdade, decerto eu estava sonhando, assim como aquela borboleta sonhara à vista do seu primeiro sol, poucas horas antes... era verdade, não era? Já não importava o horário, nem a tristeza da mocinha, nem aquele adejar azul com que a borboleta se despedia – lá do outro lado da rua o mundo deixava de ter lógica, virava puro encanto, e creio que me quedei imóvel,



paralisada, fascinada demais para qualquer outra coisa – quem vinha lá andando bem alheio ao fascínio que espalhava? Com a beleza e a leveza de um colibri que paira no ar meu Gato Malhado caminhava pela calçada do outro lado da rua, em habitat e horário estranhos para a circulação de colibris-gatos-malhados, uma surpresa total para aquela rua onde uma borboleta azul estava morrendo!

Inundei-me de luz e de alegria; vi um sol do qual já não lembrava; esqueci da dor, das dores, tantas – que importavam as dores se um colibri encantado adejava pela

rua onde uma borboleta azul morria? Meu Gato-Malhado-Colibri vinha sério, circunspeto, a ternura dos seus pêlos malhados de prata como que precisando de uma carícia, a leve camisa de fino tecido branco raiado de preto adejando também, como, um pouco antes, as asas da borboleta azul; seu cenho sobrecarregado por tantos cansaços como que pedindo um refrigério; o peito amplo parecendo frágil naquela rua em que a borboleta morria – que poderia eu fazer por ele, para alisar-lhe as rugas da testa, o peso das preocupações, as mágoas tantas, acumu-

ladas sabe-se lá desde quando, talvez desde os tempos em que andava a caçar estrelas em noites de satélites?

Eu não podia fazer nada além de ficar olhando e ficar feliz – lembro-me que em algum momento pensei que aquela postura de estátua fascinada deveria ser constrangedora, e então procurei a tênue proteção de um poste de cimento – o que é que se faz, em horas mágicas assim, em que borboletas azuis desistem da vida e encantados colibris adejam com toda a leveza por calçadas que até então não tinham passado de calçadas comuns? Não havia

o que fazer além de ficar amando silenciosamente aquele Gato Malhado que se ia, ficar a olhá-lo até ele sumir na distância, o coração disparado de alegria. Mais tarde, depois da fisioterapia, quando voltei pelo mesmo caminho, fui haurindo em grandes haustos o ar daquela rua, pois ele estava cheio de perfume de flor. Também! Uma rua assim como aquela nunca mais será a mesma, depois da borboleta e do Colibri adejante terem estado ali assim ao mesmo tempo – pena que a borboleta morreu, e que do Colibri só ficou o perfume!

IDADE

Mia Couto - Portugal

*Mente o tempo:
a idade que tenho
só se mede por infinitos.*

Pois eu não vivo por extenso.

*Apenas fui a Vida
em relampejo do incenso.*

*Quando me acendi
foi nas abreviaturas do imenso.*



MISTURA

Angela Neves
Joinville, SC



*Vem, me segue!
Tô logo ali, te esperando.
Te olhando, desejando.
Vem, me segue.
Juntos, na mesma direção.
Tô aqui, vem me segue!
Te acompanhando, cuidando.
Me segue, vem!
Sou pra ti o que tu é pra mim!
Força, carinho!
Segurança, caminho!
Vem, me segue.
Sou teu coração.
Sou tua alma.
Sou teu corpo.
Sou tua calma!
Vem me segue!
Fica aqui comigo.
Vamos juntos,
Onde nosso sonho alcançar!*

DESEJO DE DEUS

Maura Soares, Fpolis, SC

*Ah, mar da minha Ilha
cantada em prosa e verso
onde em tuas areias
o sol se espreguiça
as gaivotas procuram seu alimento
Ah, mar da minha Ilha
que eu gosto de contemplar
e pensar no meu amor
O mar de Coqueiros
me inspira coisas pra fazer pra ti
O mar calmo, as pedras,
a ilhota cercada de vegetação e pedras
Vejo ao longe,
do outro lado da baía,
o aeroporto que,
em suas aeronaves
traz o teu amor pra mim.*

REVISÃO DE TEXTOS

Revisão
e
orientação
de textos

Contate o e-mail
revisaolca@gmail.com

LITERATURA INFANTIL

O ANIVERSÁRIO DO SAPO

Else Sant'Anna Brum - Joinville, SC

Silmara estava na casa da Vó Marta. Ela foi com seu pai e sua mãe para festejar o aniversário de sua irmãzinha Cátia, que fazia quatro anos. A festa foi muito bonita. Tinha um lindo bolo com quatro velinhas que Cátia apagou num sopro só.

No outro dia bem cedo, enquanto quase todos ainda dormiam, Silmara que tinha seis anos de idade, saiu para o quintal e sentou num banquinho perto do poço.

De repente, ela ouviu um choro. Era um choro esquisito que não era de gente. Ficou curiosa. Olhou bem em volta e viu quem chorava. Era um sapo. Silmara quis correr, mas não correu e perguntou:

- Por que você está chorando, sapinho?

- É que eu nunca tive uma festa de aniversário. Achei tão linda a festa de sua irmã, ontem, que eu também queria ter uma.

- Mas você não tem

mãe ou avó para fazer uma festa para você?

- Não, eu não tenho ninguém.

- Que pena! E onde você mora?

- Moro ali atrás, numa toquinha perto da lagoa.

- E mora sozinho?

- Sozinho, sozinho!

Neste momento a menina ouviu sua avó chamar para tomar café. Antes de ir avisou:

- Olha, sapinho, espere aqui que eu já volto. Tomo café e depois vou arranjar uma festa de aniversário para você.

Não demorou muito Silmara voltou com Cátia. Quando chegaram perto do poço, Silmara avistou o sapinho.

- Sapinho, apresente-lhe minha irmã Cátia que fez anos ontem.

- Muito prazer, Cátia, e parabéns, disse o sapinho.



- Eu é que tenho prazer, disse Cátia, arregalada. Imagine, um sapinho falando comigo e me dando parabéns. Se vovó visse!

Silmara que não queria perder tempo, foi determinando:

- Vamos preparar sua festa, sapinho. Vá tomar um bom banho na lagoa, que em três tempos arranjaremos tudo.

Quando o sapinho voltou, as meninas tinham arrumado uma mesa com tudo: copinhos com refresco, gelatina, balinhas de goma e um bolo bem enfeitado.

- Só pusemos uma velinha porque não sabemos quantos anos você faz. Convidamos uma porção de bichos que gostam de você.

O sapinho olhou em volta e viu um bando de passarinhos, muitas borboletas e os peixinhos da lagoa todos com a cabeça para fora d'água.

Ficou lindo o “Parabéns a Você”! Cátia jogou farelinho de bolo para os peixinhos. As borboletas tomavam refrescos e os passarinhos beliscavam de tudo à

vontade.

Silmara pôs um lindo chapéuzinho de papel no aniversariante e lhe deu de presente uma flautinha.

O sapinho ria de gosto e as meninas batiam palmas de alegria. Então o sapinho perguntou:

- Silmara, você é uma fada?

- Não sapinho, eu sou

apenas uma menina que gosta de fazer os outros felizes!

Depois que as meninas foram embora, no outro dia cedo, Vó Marta foi até o poço e viu o sapinho lá. Ela não sabia nada do que tinha acontecido, mas ela jura que ouviu o sapinho dizer:

- Oi, Vó Marta!

O APANHADOR DE DESPÉRDÍCIOS

Uso a palavra para compor meus silêncios.

*Não gosto das palavras
fatigadas de informar.*

Dou mais respeito

*às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.*

Entendo bem o sotaque das águas

*Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.*

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

*Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.*

*Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.*

Só uso a palavra para compor meus silêncios.



*Manoel
de Barros,
o menino poeta*

LITERARTE

ENCONTRO DE ESCRITORES EM FLORIANÓPOLIS

A Livraria Catarinense, loja da Felipe Schmidt, de Florianópolis, promove o Encontro de Escritores todas as últimas quintas-feiras de cada mês. Cada mês um escritor é convidado para falar de literatura. No mês de julho, o fundador e presidente do Grupo Literário A ILHA, Luiz C. Amorim, foi o convidado e falou sobre a sua obra e sobre os trinta e sete anos de atividades do grupo literário mais perene de Santa Catarina e talvez do Brasil. Foi mais uma bela oportunidade de festejar o trigésimo sétimo aniversário do Grupo A ILHA, com muita literatura, reunindo escritores e leitores.



EDIÇÃO ESPECIAL

O Grupo Literário A ILHA publicou uma edição especial dessa revista com os poetas da Confraria do Pessoa, o novo grupo criado na Grande Florianópolis, para comemorar seus 37 anos. Trata-se da primeira publicação da Confraria, uma prévia da antologia que o grupo está preparando para breve.

A reunião dos nove primeiros poetas que fizeram parte da reunião de poetas admiradores da poesia de Fernando Pessoa revelou gente muito talentosa. E mais poetas vem se agregando.

NOVO LIVRO DE NORMA

O livro “Nelito e as Rosas Rubras”, com pesquisa e texto de Norma Bruno, foi lançado no último dia de agosto na Assembleia Legislativa de Santa Catarina. O livro narra a trajetória do fundador da Serte - Sociedade Espírita de Recuperação, Trabalho e Educação e dos incansáveis trabalhadores e voluntários que construíram a Seara da Luz. Um trabalho de fôlego, que resgatou a vida de Leonel Pereira, o Nelito, e que vale muito a pena conhecer.

